

ROTA DOS MUSEUS: IDEIAS PARA O FUTURO PREFEITO OU PREFEITA

Uma recente entrevista do atual prefeito da Franca do Imperador mostra o retrato definitivo e desalentador de um governo medíocre. Nada mais podemos esperar desse mandato, esperemos que seja o último desse sistema político criado na incubadora autoritária de Sidnei Rocha. Ao falar do fracasso de seu projeto de um “mercadão” na estação ferroviária, saído da algibeira iluminada de seu governo e idealizada sem qualquer participação social, alegou em entrevista que ninguém lhe dá resposta. “Ninguém fala assim: a gente não quis porque o prédio ficou feio, a gente não quis porque demorou ou a gente não quis porque a gente não quer ninguém mais aqui na Estação. Não, ninguém fala nada”. E porquê deveriam falar? A prefeitura não escutou a comunidade para definir o uso, fez o que bem entendeu com recursos públicos, no mínimo é contraditório querer ouvir opiniões depois de pronto e fracassado.

Já em relação à má conservação da cidade, das montanhas de lixo, de matagais por todo lado ao desastre nas ruas por conta de sua ineficiente política de trânsito e transportes, ele (e sua consorte candidata em dobradinha mal ensaiada) joga a culpa, é claro, na população, como se não tivesse sido eleito para criar e gerir políticas públicas. Na entrevista, disse textualmente: “eu consigo ver quando você faz a imprudência, a imperícia e não toma cuidado dentro do trânsito da cidade” e ainda assim não está totalmente convicto que radares vão reduzir a imperícia e acidentes. Ou seja, com as câmeras onipresentes na cidade, sua versão caipira em funcionamento do “Grande Irmão” do livro “1984” de George Orwell, seu governo sabe tudo que acontece mas no fundo não admite que agiu errado nem que é um dos responsáveis pelo total desmonte do sistema de fiscalização do trânsito iniciado por seu mentor ao qual deu prosseguimento (eliminação de radares de velocidade e sensores de faixas de pedestres, extinção do DINFRA - órgão técnico de trânsito, não redução da velocidade das vias, não construção de ciclovias e calçadas, sistema de transporte coletivo ineficiente, etc) que fez em boa parte as pessoas não cumprirem as regras do trânsito, já que não há expectativa de punição. Enfim, se o governo conhece a realidade e decide sem ouvir ninguém, é melhor pensar no futuro, sem desanimar. Como dizia o Barão de Itararé sobre o governo, “de onde menos se espera é que não vem nada mesmo”.

Franca ainda não tem um Plano Municipal de Cultura, o atual governo não prioriza a cultura (sequer como componente importante da chamada economia criativa) nem o planejamento de longo prazo. A situação é tão calamitosa para a preservação do patrimônio cultural que dois gigantescos edifícios públicos tombados, ambos no centro da cidade estão abandonados, os antigos colégios Champagnat e N. S. Lourdes. Os museus e instituições públicas com acervos estão em mau estado de conservação, como o Museu Histórico e Pinacoteca, gerando ações judiciais em curso pelo Ministério Público para que o município tome providências. Aliás, nenhuma das instituições museais da Prefeitura tem um plano museológico como manda a lei. Enfim, tudo isso é amplamente conhecido pelo prefeito, por sua equipe e pelos vereadores. É o que temos, mas não precisaria ser assim se houvesse prioridade na preservação histórica pela atual gestão, que só toma alguma providência emergencial quando a demorada borduna da justiça a atinge.

É por isso que imaginei para o próximo prefeito ou prefeita uma proposta que pode a princípio parecer mirabolante, fantasiosa, mas que tem fortes razões culturais e econômicas de ser. Uma Rota dos Museus a partir da experiência em desenvolvimento da Rota do Café na região, com potencial para gerar emprego, renda e acesso à cultura. Temos na região central, embora menos do que deveríamos ter numa cidade com 200 anos de história e mesmo sem preservação adequada, algumas edificações importantes. Os dois prédios públicos em ruínas já citados, o Museu Histórico, a Casa da Cultura “Abdias do Nascimento”, o edifício da antiga fábrica de calçados Jaguar (também tombada), a Catedral, as antigas casas paroquiais da Igreja Matriz.

Seria possível criar uma Rota dos Museus articulando educação patrimonial, cidadania e turismo, atraindo pessoas para circular a pé na região central sem ser exclusivamente para o consumo ou comércio, mas também para conhecer a história da cidade. Aumentaria a auto-estima dos francanos e o número de pessoas a pé em grupo nas ruas, inclusive com passeios noturnos que dariam maior segurança à região. Seria fundamental reformar as calçadas para deixá-las caminháveis e para começar a Rota pra valer, o Museu teria que ser atualizado com um plano museológico, equipamentos digitais e um serviço de visita guiada contando aspectos da história da cidade (inclusive devolvendo aquele púlpito à Catedral ou ao Museu Diocesano). Para isso seriam convocados a calçar as sandálias da humildade alguns professores doutores do curso de História da UNESP que trocariam ao menos temporariamente o cedilha da França pela Franca em suas pesquisas, construindo o Plano e capacitando estudantes da universidade num projeto de extensão de educação patrimonial. Difícil mas não impossível, talvez o professor Hélio da Silva, novo diretor da UNESP local, consiga essa proeza.

Dali, os participantes da Rota guiada poderiam se dirigir até o Museu do Calçado que seria instalado no histórico edifício da Fábrica Jaguar, primeira indústria mecanizada de calçados da cidade na Praça de Nossa Senhora da Conceição, prédio de propriedade do grupo Magalu. Bastaria aplicar 0,0000000001 % da fortuna de apenas um de seus principais acionistas controladores para fazer isso num edifício simbólico no centro da cidade e não num espaço com acesso difícil e controlado como o Campus Magalu. Um Museu do Calçado não apenas com sapatos antigos, mas digital, atraente às novas e velhas gerações com projeções, jogos educativos e imagens que mostrariam a riqueza da história calçadista da cidade e que a fez se tornar a Franca pujante atual. A rigor, nem precisariam usar o próprio dinheiro, mas recursos de renúncia fiscal tipo Lei Rouanet. Essa parte quem poderia convencer um dos acionistas? Talvez Eliane Quirino, do movimento Mulheres do Brasil? Cartas para a redação.

Dali, caminhariam pela Praça até o Relógio do Sol e em seguida para o Museu Diocesano, que seria instalado aos fundos da catedral, numa das antigas casas paroquiais da Igreja Matriz pertencentes à Diocese atualmente usada como depósito (e não num lugar longínquo como está sendo montado), com acervo físico e digital, mostrando também a história dos primeiros templos católicos que moldaram a cidade no século XIX e início dos XX. Essa reclamação providencial ao bispo para instalar o Museu no centro passaria por Marcelo Pini, representante da Cúria no CONDEPHAT e pelos conselheiros francanos da Comissão de Justiça e Paz, Murilo Gaspardo e Alexandre Diniz.

Em seguida, poderia ser visitada mostra da coleção de obras de arte modernas de artistas da região do Laboratório das Artes que está sendo doado à UNESP em sala do antigo Colégio das Freiras, usando ínfima parte do edifício onde sonhamos que seja instalado o Instituto Federal de Franca. Essa providência seria possível ao vereador Gilson Pelizaro que está à frente da proposta de trazer para a cidade o Instituto Federal e aos professores Agnaldo Barbosa e Marcos Sorrilha, vice-diretor da UNESP local.

A Rota prosseguiria em direção à Casa da Cultura onde seria possível visitar o Museu da Imagem e do Som e um Memorial a Abdias do Nascimento, atividade por conta do Greguinho (memória viva do rádio francano) e do multi-instrumentista e agitador da cultura Lourenço Alves. Dali a caminhada iria ao Colégio Champagnat, onde seria instalada de forma adequada e definitiva a Pinacoteca Municipal, com exposições do acervo permanente e exposições temporárias de arte que poderiam ser abrigadas no prédio restaurado como um grande centro cultural, ao lado do Arquivo Histórico totalmente reformulado e do Espaço de Difusão Científica da Prefeitura. Para isso, a arquiteta Cecília Fuentes seria gerente do projeto de restauro, com a colaboração dos mestres Silas Cuba e Wanderlei Pereira, todos servidores concursados da Prefeitura. Essa ação teria que ser coordenada em conjunto pelas Secretarias Municipais de Cultura e de Educação, institucionalizando um programa de educação patrimonial da Prefeitura de Franca em suas escolas. Tarefa para a doutora Higina Marques, especialista em educação patrimonial e futura secretária municipal de Educação do novo

prefeito ou prefeita. Os instrumentos jurídicos necessários ao projeto ficariam a cargo do criativo advogado Osmar Parra que conseguiria convencer as Procuradorias Jurídicas envolvidas a retirar do caminho as pedras que sempre costumam colocar quando se quer fazer algo novo. Esse trajeto teria 1,4 km e sem as paradas levaria apenas 18 minutos de caminhada em saudável atividade compartilhada em grupos de crianças ou adultos.

Ah, sim, se houvesse tempo e interesse aos caminhantes-participantes desse devaneio pelo futuro, uma dica e um merchan grátis. O Magalu ofereceria um desconto especial nas compras que seriam efetuadas na Loja-Conceito da empresa que seria instalada no restaurado prédio modernista da antiga AEC com projeto do arquiteto Shundi Iwamizu (o mesmo do premiado SESC-Franca), com direito a um ingresso-surpresa para quem ainda se dispuser a descer a Rua General Carneiro e conhecer o Museu do Basquete instalado sob as arquibancadas do também restaurado ginásio do Clube dos Bagres, projeto do arquiteto Pedro Rosa. Essa aqui deixaria ao Rosalvo, ex-jogador do Clube dos Bagres e ao empresário Munir Buchalla Filho, novo cidadão francano e penúltimo torcedor da Prudentina (aviso que o último é esse escriba). Com as pernas cansadas, não seria fácil subir de volta pro centro, mas a expectativa de poder “traçar” um JK no Restaurante Barão ou no Gasparini faria milagres.

Esse trecho deixo para a Tânia Mara do COMTUR e para o radialista Valdes Rodrigues convencer o pessoal, tradicional frequentador e saudoso desses espaços que a cidade perdeu mas poderia recuperar. Em tempo, faltou algo? Ah, sim, o que faremos com o prédio do Banco Itaú, atual elefante branco que substituiu o antigo Hotel Francano? Claro, convencer os atuais ricos donos do banco a montar uma sucursal do instituto Itaú Cultural. Se não fizerem isso, que tal a gente ameaçá-los de um boicote ao qual se juntaria Magalu e outros empresários para retirar suas aplicações do banco? Como não tenho dinheiro nem qualquer poder e todas as ações propostas tem gente competente e responsável para cuidar, a mim restaria apenas visitar os lugares e usufruir desse passeio. Quem disse que sonhar não é viver?

Mauro Ferreira é arquiteto